

## A ANÁLISE DE DISCURSOS VERBOIMAGÉTICOS EM MÍDIAS DIGITAIS \*

Elaine Cristina Silva Fonseca (UFMG)

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo propor a utilização de alguns conceitos e categorias provenientes da área da Análise do Discurso para a análise de discursos imagéticos ou verboimagéticos provenientes de mídias digitais. Como aporte teórico, utilizamos os chamados Modos de Organização do Discurso, advindos da Teoria Semiociológica desenvolvida por Patrick Charaudeau (1992, 2008), além de algumas reflexões desenvolvidas por Mendes (2013) acerca de sua utilização em análises de discursos constituídos por estratos verbais e imagéticos. Ao longo do trabalho, buscamos apresentar exemplos de análises sintéticas de variadas mídias digitais a fim de demonstrar as possibilidades dos recursos analíticos aplicados.

**Palavras-chave:** análise do discurso; imagens; mídias digitais; Semiociologia; verboimagético.

### 1. Considerações iniciais

Nos últimos anos, um número cada vez maior de pesquisadores dos estudos discursivos tem se debruçado sobre a análise de discursos verboimagéticos. O aumento desse tipo de análise é compreensível quando levamos em conta sua ampla difusão nos mais variados gêneros, seja em mídias mais tradicionais, como jornais e revistas impressos, publicidades, cartazes, cinema, programas de televisão, seja em mídias digitais.

Segundo Miskolci (2011, p. 12), mídias digitais podem ser compreendidas como “meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede”. O autor ressalta que essa conceituação refere-se simultaneamente à questão da conectividade e ao seu suporte material (computadores, *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, etc.). Dessa forma, ao falarmos em mídias digitais, nos referimos aos mais variados gêneros que são encontrados somente em ambientes digitais, como *e-mails*, *sites* de notícias, *blogs*, redes sociais e também nos referimos a gêneros como vídeos, publicidades, filmes, séries quando disponibilizados em ambientes digitais.

Levando em conta a importância de uma maior compreensão dos diferentes discursos e gêneros que circulam em nossa sociedade, o objetivo geral desse trabalho é propor a utilização de alguns conceitos e categorias tradicionalmente utilizados na área da Análise do Discurso para a análise de discursos imagéticos ou verboimagéticos em mídias digitais. Nosso objetivo específico é propor, principalmente, a utilização dos chamados Modos de Organização do Discurso, termos advindos da Teoria Semiociológica, desenvolvida pelo analista do discurso Patrick Charaudeau, devido à eficácia da utilização dessas categorias na análise dos mais variados discursos.

Em síntese, seguindo a definição de Charaudeau (2008), o termo discurso pode ser entendido como um fenômeno comunicativo que possui todo um processo de produção e de recepção. Partindo dessa concepção, podemos considerar que imagens, assim como textos verbais ou escritos, podem ser consideradas como discursos, sendo passíveis, portanto, de serem analisadas mediante categorias utilizadas pela área da Análise do Discurso.

De acordo com Charaudeau (1992, 2008), existem quatro modos de organização dos discursos, agrupados pelo autor de acordo com suas diferentes finalidades: enunciar, descrever, narrar e argumentar. Nas seções seguintes, faremos uma síntese dos Modos de

---

\* XIV CILTEC-Online - novembro/2020 - <http://evidosol.textolivre.org>

Organização do Discurso e como exemplos de sua aplicabilidade, utilizaremos análises sintéticas de alguns discursos verboimagéticos provenientes de mídias digitais.

## 2. Modo de organização enunciativo

O Modo de Organização Enunciativo diz respeito à forma como o sujeito falante se posiciona em relação a seu interlocutor e ao seu próprio discurso. Esse modo de organização perpassa os outros três modos de organização (o narrativo, o descritivo e o argumentativo), uma vez que a ação de enunciar está presente em todos eles.

Charaudeau subdivide o Modo de Organização Enunciativo em três comportamentos ou atos: comportamento alocutivo, que diz respeito ao posicionamento do sujeito em relação a seu interlocutor; comportamento elocutivo, que diz respeito ao posicionamento do sujeito em relação a seu ponto de vista e/ou a si mesmo; e comportamento delocutivo, que ocorre quando o sujeito expressa uma asserção ou discurso relatado de um terceiro, “apagando-se” do ato de enunciação e não implicando seu interlocutor nessa enunciação.

Mendes (2013, p.143) considera que, em uma imagem, um exemplo de um comportamento alocutivo se dá quando um dos personagens nos olha diretamente e “nos coloca em cena”, de forma diretamente interativa. A autora cita como exemplos algumas pinturas e publicidades, destacando que algumas publicidades se valem dessa estratégia para criar uma relação de proximidade, de intimidade entre o personagem que anuncia o produto e a pessoa que vê o anúncio.

Pensando nas mídias digitais, podemos pensar na profusão dos vídeos dos chamados “youtubers”, pessoas que gravam conteúdos para a plataforma de compartilhamento de vídeos denominada Youtube. Nesses vídeos, é comum que as pessoas apareçam olhando diretamente para a câmera, buscando emular essa relação de maior proximidade e confiança com quem os assiste. Algumas dessas personalidades acabam tornando-se bastante conhecidas, influenciando um grande número de pessoas em diferentes aspectos, tais como: gosto musical, escolha de filmes e séries, compra de produtos, opiniões políticas, ideológicas, religiosas, etc.

Já em relação ao comportamento elocutivo, Mendes (2013, p. 144) cita como exemplos as fotografias autorais, nas quais temos acesso ao ponto de vista de um sujeito, destacando a antiga prática do autorretrato e a atual prática da *selfie*, na qual as pessoas se autofotografam em diferentes situações e, posteriormente, postam suas imagens em redes sociais, acompanhadas ou não por textos escritos.

Por fim, no que tange ao comportamento delocutivo, Mendes (2013, p. 144) destaca que “há uma busca de mostração de algo” e um não engajamento explícito do sujeito que busca efeitos de neutralidade e imparcialidade, citando como exemplo o fotojornalismo. Esse gênero pode ser encontrado tanto em formatos impressos quanto em ambiente digitais. Entretanto, a autora destaca que é comum que um fotojornalista acabe criando um próprio estilo, uma forma própria de fotografar certas questões, o que o aproxima de um comportamento elocutivo, “embora tente se manter somente como um observador que faz instantâneos de uma realidade”.

## 3. Modo de organização narrativo

Charaudeau (2008, p.157) define o Modo de Organização Narrativo como uma construção que se constitui “no desenrolar de uma sucessão de ações que se influenciam umas às outras e se transformam num encadeamento progressivo”.

De acordo com Mendes (2013, p.145), esse modo de organização pode ser encontrado em discursos verboimagéticos que apresentam uma diegese, como em algumas obras-primas da pintura, por exemplo, nas quais podemos observar o estabelecimento de personagens, de

espaços, de temporalidade, sendo possível apresentar uma narrativa do que está sendo retratado.

Nessa perspectiva, pensando em discursos verboimagéticos de mídias digitais, podemos pensar em publicidades, vídeos ficcionais ou não, séries, filmes, etc.

Em relação a esse modo, Charaudeau aborda várias questões relativas aos narradores, aos actantes, aos papéis, processos e sequências narrativas, entre outros aspectos. Por motivos de espaço, falaremos de forma resumida de apenas alguns deles.

No que tange à identidade de um narrador, Charaudeau (2008, p.187) considera que um narrador pode desempenhar seu papel de duas maneiras: como narrador-historiador, apresentando a história da forma mais objetiva possível, fazendo uso de fatos, arquivos, testemunhos e documentos; ou como narrador-contador, contando uma história fictícia.

No que diz respeito ao estatuto do narrador, Charaudeau diferencia o narrador que conta a história de um outro, o narrador que conta sua própria história e também cita a possibilidade da existência de múltiplos narradores em uma só narrativa.

Já em relação aos possíveis pontos de vista do narrador, Charaudeau cita o ponto de vista externo, objetivo, que diz respeito à exterioridade da personagem, sua aparência, suas características físicas, seus gestos e movimentações; e o ponto de vista interno, subjetivo, que diz respeito à interioridade da personagem, seus pensamentos, suas características psicológicas, seus impulsos e sentimentos.

Para servir como exemplo da aplicação dessas categorias, tomaremos como exemplo o documentário “Democracia em Vertigem”. Trata-se de um dos filmes disponibilizados pela Netflix, uma plataforma digital que oferece milhares de opções em filmes, séries e *realitys shows* para seus assinantes.

Petra Costa, diretora do filme, surge como narradora-historiadora que nos conta a história recente do Brasil. Entretanto, por mais que faça uso de dados objetivos, a narradora expõe seu ponto de vista subjetivo a respeito dos acontecimentos, mesclando a história de um país a sua própria história.

No tocante aos actantes, podemos classificá-los como actantes principais ou actantes secundários, de acordo com a importância de cada actante ao longo da narrativa. Já em relação aos papéis narrativos desempenhados pelos actantes, Charaudeau propõe que se verifique se é o actante quem age (agente) ou quem sofre a ação (paciente).

No caso de o actante ser agente de uma ação, o autor questiona se ele o faz como: agressor, benfeitor, aliado, oponente ou retribuidor (fornecendo uma recompensa ou uma punição) e também se o faz de maneira voluntária, involuntária, direta ou indireta.

No caso de o actante ser o paciente de uma ação, o autor questiona se ele é vítima ou beneficiário de determinada ação e se reage através de fuga, resposta ou negociação (no caso de ser um actante-vítima) ou se reage através de retribuição ou recusa (no caso de ser um actante-beneficiário).

Cabe destacar que tais papéis não são necessariamente fixos, podendo cada actante desempenhar variados papéis narrativos ao longo de uma narrativa.

Quanto aos processos narrativos, Charaudeau os define como unidades de ação que, em correlação com outras ações, apresentam uma função na narrativa.

O processo narrativo pode ter por função: i) a melhora de um estado inicial através de: eliminação de um adversário ou de uma ameaça contra si ou contra um outro, resolução de um problema, transgressão de uma regra, negociação em favor de si ou de outrem, esperteza, resposta (responder a uma agressão com outra agressão), vingança, intervenção (auxílio em favor do outro), negociação ou retribuição; ii) a conservação de um estado inicial através de eliminação de um adversário ou de uma ameaça contra si ou contra um outro, prevenção de um conflito (ou fuga), neutralização de uma ameaça, negociação, esperteza, intervenção em favor do outro; iii) a degradação de um estado inicial através de: submissão, sacrifício,

transgressão, agressão ao outro, eliminação do outro como adversário ou ameaça, traição, vingança, retribuição (justiça ou castigo) ou intervenção contra o outro.

Quanto às sequências narrativas, Charaudeau estabelece que essas integram actantes e processos em uma finalidade narrativa. Podemos, então, compreendê-las como um conjunto de unidades de ações que possuem alguma finalidade em uma narrativa, nas quais ocorrem os processos (unidades de ação que possuem uma função na narrativa) vivenciados pelos actantes.

Ressaltamos que essas classificações relacionadas aos actantes, aos papéis, processos e sequências narrativas têm por objetivo orientar e facilitar uma análise, não havendo necessidade de aplicações rígidas e obrigatórias do instrumento.

Em relação ao filme citado anteriormente, *Democracia em Vertigem*, podemos identificar uma multiplicidade de actantes e papéis narrativos envolvidos na construção de uma narrativa complexa. Figuras conhecidas do cenário político brasileiro surgem entremeadas às memórias pessoais e a pessoas do convívio familiar de Petra Costa, diretora e roteirista do documentário.

A ex-presidente Dilma Rousseff se destaca na narrativa como uma de suas actantes principais, assim como o ex-presidente Lula, uma vez que a maior parte dos acontecimentos apresentados giram em torno dela e das ações das quais ela é ora agente, ora paciente.

Na sequência na qual é retratada a eleição de Dilma ao seu primeiro mandato presidencial, por exemplo, podemos compreender que a ex-presidente é retratada como uma agente de um processo narrativo que teve por função a “melhora de um estado inicial”, no caso obter a vitória de uma eleição, passar do estado de candidata ao de presidente eleita.

Já em relação ao processo do impeachment, temos um processo narrativo que culmina em uma “degradação de um estado inicial”, já que Dilma Rousseff acaba por ser destituída de seu segundo mandato presidencial. Trata-se de um processo narrativo no qual Dilma é apresentada como uma paciente, alguém que sofre um processo. A narrativa destaca a atuação do então presidente da Câmara dos Deputados, o deputado federal Eduardo Cunha, colocando-o como principal agente do processo.

Destacamos que Petra Costa avalia (modo de organização enunciativo/elocutivo) que a abertura do processo de impeachment por parte de Eduardo Cunha foi motivado por vingança, por retaliação (o que Charaudeau cita como um dos motivadores para um processo narrativo que tenha por função “a degradação de um estado inicial”) como podemos observar nesse trecho de sua narração (localização: 50min30s):

Cunha era investigado por ocultar milhões de dólares de subornos em um banco suíço e em uma empresa chamada Jesus.com. Sentindo-se desprotegido, ele havia decidido romper com o governo [...] Mas quando ameaçado de perder seu mandato ele pede ajuda a Dilma e ao PT. Depois de semanas de debate, os deputados do PT decidem votar contra ele. E, em retaliação, ele imediatamente abre o processo de impeachment contra Dilma.

Cabe ressaltar que se trata de um documentário extenso, que oferece diversas possibilidades analíticas e que trouxemos para esse trabalho apenas um trecho de uma possível análise utilizando algumas das categorias apresentadas.

#### **4. Modo de organização descritivo**

Para Charaudeau (2008, p. 112) o Modo de Organização Descritivo ocorre na medida em que o sujeito configura seu discurso a partir de um ou mais desses três componentes: nomeação, localização e qualificação.

Nomear é dar existência a um ser atentando para suas diferenças e semelhanças em relação a outros seres. É no ato de nomeação que um ser ou objeto é identificado enquanto substantivo comum (exemplos: a mulher, uma planta, a casa, meu professor, o trabalhador, etc.) ou substantivo próprio (exemplos: Maria, João, Silva, Fiat, Honda, Universidade Federal de Minas Gerais, etc.). Localizar/situar é determinar a posição ocupada por um ser ou por um objeto no espaço e no tempo (exemplos: Paraíba, 15 de Janeiro de 1850, antigamente, no começo, numa aldeia, etc.). Qualificar é atribuir características aos seres ou aos objetos (exemplos: idade, sexo, altura, qualidades, defeitos, aparência, composição, etc.).

Segundo o autor, durante a encenação descritiva do ato de linguagem, o sujeito enunciador pode produzir alguns efeitos, tais como: efeito de realidade, efeito de ficção, efeito de saber, efeito de confiança e efeito de gênero.

O efeito de realidade resulta de índices objetivos, que buscam conferir veracidade e credibilidade ao discurso. O efeito de ficção resulta de índices subjetivos, que não possuem qualquer compromisso com a veracidade ou credibilidade ao longo de um discurso. São índices que remetem a relatos fantasiosos. O efeito de saber resulta da fabricação de uma imagem de pessoa sábia por parte do sujeito enunciador, do descritor. Essa imagem é criada quando este demonstra possuir conhecimentos profundos a respeito de um determinado assunto, buscando, assim, conferir maior veracidade a seu relato ou argumentação. O efeito de confiança resulta do procedimento do sujeito enunciador de compartilhar suas reflexões pessoais com o interlocutor. Já o efeito de gênero resulta da utilização de alguns procedimentos que são característicos de um determinado gênero discursivo em um outro gênero.

Como exemplo da utilização do modo de organização descritivo, Mendes (2013, p.145) cita a utilização de fotografias em gêneros jornalísticos. É comum a veiculação de notícias negativas a respeito de políticos, por exemplo, utilizando fotografias nas quais eles aparecem com expressões negativas, que podem indicar tristeza, desânimo, raiva, vergonha, preocupação, etc. Nesses casos, a pessoa está sendo qualificada de uma forma negativa. A autora destaca que “trata-se de um jogo retórico-ideológico entre o verbal e o icônico no qual caberá ao leitor construir uma conclusão a partir da relação do que é dito e do que é mostrado”. Esse tipo de recurso é utilizado tanto em formatos impressos quanto em ambientes digitais.

Em relação aos efeitos, podemos pensar nessas mesmas fotografias como uma tentativa de alcançar um efeito de realidade.

No que tange a outros efeitos, podemos novamente pensar nos vídeos produzidos pelos youtubers, nos quais se busca alcançar, muitas vezes, por exemplo, efeitos de saber e efeitos de confiança.

## **5. Modo de organização argumentativo**

Finalmente, o modo de organização argumentativo, de acordo com Charaudeau (2008, p.75), é utilizado para “expor e provar causalidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor”.

Mendes (2013, p. 146) destaca que nos casos dos discursos verboimagéticos, a imagem pode ser utilizada como uma prova, um exemplo, um argumento, um contra-argumento, etc. Como exemplo, a autora cita mais uma vez as reportagens jornalísticas que trazem fotografias que servem para reforçar a mensagem escrita. No caso de uma reportagem sobre a degradação do meio ambiente, por exemplo, é usual que a reportagem venha

acompanhada por fotos que mostrem essa degradação, servindo, portanto, como uma prova daquilo que está sendo dito.

Assim como no exemplo anterior, esse tipo de recurso pode ser visto em formatos impressos e em mídias digitais.

## **6. Considerações finais**

Esse trabalho teve por objetivo específico propor a utilização de categorias advindas da Teoria Semiológica em análises de discursos verboimagéticos provenientes de mídias digitais. Optamos por apresentar análises sintéticas de diferentes gêneros, provenientes de diversas mídias digitais, ao invés de focarmos em um único objeto, com a finalidade de testar maiores possibilidades analíticas.

Ainda que os conceitos tenham sido apresentados de forma bastante resumida, estendendo-nos mais em alguns modos, alguns talvez mais complexos para serem explicados em tão poucas páginas, acreditamos na relevância desse tipo de pesquisa, levando em conta a ampla difusão de discursos constituídos por estratos verbais e imagéticos, sobretudo em mídias digitais, que se tornam cada vez mais presentes em nossa sociedade contemporânea.

## **Referências**

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

*Democracia em Vertigem*. Direção: Petra Costa. Netflix, 2019.

MENDES, Emília (coord.). *Imagem e Discurso*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2013.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Cronos*. Natal, UFRN, v.12, n. 2, 2011, pp. 9-22.